"Futebóis" em disputa: cuidado, sociabilidades e sentidos do jogar bola

"Futebóis" in dispute: care, sociability, and meanings of playing football

Maurício Rodrigues Pinto
Universidade de São Paulo, Brasil
São Paulo, SP
maorodrigues@usp.br
https://orcid.org/0000-0002-2221-4187

Talita Nunes Costa
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Salvador, BA
talitanc@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-1777-987X

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 25 de janeiro de 2026

Resumo:

Neste trabalho, abordamos práticas e apropriações do futebol que tensionam a predominância masculina cisheternormativa característica deste esporte. As etnografias foram realizadas nas cidades de São Paulo (SP) e Salvador (BA), entre 2020 e 2022, em meio à pandemia de COVID-19, no acompanhamento de treinos, torneios, jogos e "resenhas" de dois times de futebol: o Meninos Bons de Bola, coletivo paulistano formado por homens trans e pessoas transmasculinas; e As Veteranas, time que se reunia em um bairro popular de Salvador (BA), composto majoritariamente por mulheres cisgênero lésbicas, acolhendo também pessoas transgênero. Embora esses times tenham como referência alguns códigos do esporte oficial, são considerados dissonantes por desestabilizarem convenções de gênero e de corporalidades do futebol masculino espetacularizado. Assim, disputam e produzem outros sentidos sobre o jogar bola e o pertencer a um time, o que envolve estratégias de ocupação de espaços públicos e afirmação política para seus corpos e práticas de cuidado que promovem o seu bem-estar físico e mental.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Cuidado. Etnografia em contexto pandêmico.

Abstract:

In this paper, we analyze practices and appropriations of football that tension the cisheternormative male dominance that characterizes this sport. The ethnographies were conducted in São Paulo (SP) and Salvador (BA) between 2020 and 2022, amid the COVID-19 pandemic, following training sessions, tournaments, games, and "resenhas" of two football teams: Meninos Bons de Bola, a São Paulo collective formed by trans men and transmasculine people; and As Veteranas, a team that met in a working-class neighborhood of Salvador (BA), mainly composed of cisgender lesbian women, but also welcoming transgender people. Although both teams follow some of the codes of official football, they are considered dissonant because they destabilize gender and body conventions of spectacularized men's football. Thus, they dispute and produce other meanings about playing and being part of a team, which involves strategies for occupying public spaces and political affirmation for their bodies and caring practices that promote their physical and mental well-being.

Keywords: Football. Gender. Care. Ethnography in pandemic context.

Introdução

Este trabalho resulta da articulação de nossas[1] pesquisas e distintas vivências etnográficas em cenários urbanos, acompanhando times de futebol amador e praticado como lazer[2], formados majoritariamente por pessoas com corpos e/ou identidades de gênero diversas em relação à cisnormatividade (Vergueiro, 2015). Refletimos sobre a ocupação coletiva de espaços públicos por sujeitos majoritariamente racializados, cujos corpos e performances são consideradas dissonantes da perspectiva hegemônica do esporte. Também discutimos os sentidos do futebol em espaços outros que não o futebol espetacularizado[3] e do fazer parte de um time, para além das vivências nos campos de jogo.

Camargo (2016) trabalha com as ideias de corpos e práticas esportivas dissonantes em relação ao esporte dito *mainstream*, protagonizadas por sujeitos cujos corpos e performances são lidos como desviantes do ideal normativo que prevalece nas disputas esportivas, o qual se caracteriza pela regulação de "desejos, práticas sexuais, expressões e identidades de gênero" pautada na cisgeneridade e na heterossexualidade (Silvestrin; Vaz, 2021: 3). Nessa perspectiva, o desvio desse padrão seria encarnado por pessoas LGBTI+[4], pessoas com deficiência e até mesmo por mulheres lidas como excessivamente masculinas (Pires, 2021), que apresentam corpos e performances consideradas inconformes ou abjetas (Butler, 2003) e que historicamente foram estigmatizadas e segregadas das práticas esportivas:

> […] [Corpos dissonantes são] aqueles que se colocam nos limites fronteiriços dos corpos normativos, considerados desviantes da "norma" ou "abjetos", que se afastam, por exemplo, dos idealizados padrões de beleza, estética e/ou eficiência propostos pelas sociedades ocidentais contemporâneas e que estão em vigor em disputas esportivas, como Jogos Olímpicos e Mundiais. (Camargo, 2016: 1339)

[1] Por ser uma escrita compartilhada, utilizaremos a 1a pessoa do singular para nos referirmos às nossas práticas etnográficas e a 1a pessoa do plural ao aludirmos às reflexões em parceria.
[2] A distinção entre futebol profissional, amador e praticado como lazer é apontada por Pisani (2018).
[3] O futebol espetacularizado é uma categoria proposta por Damo (2007) ao pensar na pluralidade de matrizes futebolísticas e, mais especificamente, sobre o futebol masculino profissional.
[4] A sigla LGBTI+ refere-se às distintas orientações sexuais e algumas identidades de gênero: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, intersexuais e outras.

Pisani (2018), em sua pesquisa de doutorado sobre a prática do futebol de mulheres na cidade de São Paulo, ao apresentar o conceito de *gênero da bola*, faz uma análise crítica da literatura, inclusive acadêmica, produzida sobre o futebol no Brasil e a centralidade dada ao futebol masculino. No senso comum, o futebol profissional masculino não precisa ser adjetivado, sequer generificado. A ele cabe o status de *futebol*, sendo convertido em uma matriz de inteligibilidade sobre o que é o jogo de futebol. Nesse processo histórico, foi-se naturalizando a ideia de um gênero da bola masculino, já que o futebol e a própria narrativa histórica sobre a modalidade foram moldadas hegemonicamente a partir da perspectiva de homens cisgêneros heterossexuais. Isso fez com que formas de futebol jogadas (e narradas) por mulheres e outros grupos sociais dissidentes da masculinidade cisheteronormativa ocupassem lugares de *outros* do futebol:

> A grande maioria dessas produções reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens, seja na qualidade de jogadores, de torcedores e/ou daqueles que escreveram e produziram a memória da modalidade [...]. As mulheres sempre seguiram à margem na participação do esporte em si e na produção histórica sobre o futebol brasileiro. Até o ano de 1920, quando mencionadas nas crônicas esportivas e colunas sociais, as mulheres apareciam como meras espectadoras que traziam beleza e charme para as arquibancadas. (Rodrigues Filho, 1964 *apud* Pisani, 2018: 121)

Ao evidenciar formas diversas de se praticar e vivenciar o jogo de futebol no Brasil e influenciades[5] pela noção de *futebóis*[6], trabalhada por Damo (2018, 2020),

[5] Utilizamos a linguagem generificada no masculino e no feminino ao citarmos os(as) integrantes do grupo de futebol soteropolitano, pois os(as) jogadores(as) referiam-se entre si desse modo. A linguagem neutra será empregada ao mencionarmos e descrevermos de forma generalizada os interlocutores que participaram da observação participante em São Paulo. Ainda que a maioria das pessoas que integravam o time no período do trabalho de campo se identificassem como homens trans e pessoas transmasculinas, optamos por não descrever integrantes do IMBB de forma genérica no masculino. A linguagem neutra é utilizada para reafirmar uma compreensão não dicotômica das identidades de gênero e para dar visibilidade à existência e ao protagonismo de pessoas não binárias. Para Dri Azevedo (2022: 62-63), a linguagem neutra rompe também com a produção de corpos e suas materialidades ditada pelo "discurso binário e cisheteropatriarcal", além de legitimar os "corpos que não se adequam a essas normas, [...] que não são vistos pela sociedade como 'verdadeiros' ou 'legítimos'. Existir na linguagem é ter a sua subjetividade reconhecida".

[6] Damo (2018: 37) discute o uso do termo "futebóis" ao longo do desenvolvimento dos estudos esportivos nas ciências sociais. A princípio, os trabalhos não se limitavam ao futebol de espetáculo, de modo que o conceito buscava oferecer uma "horizontalidade epistemológica" frente a uma ampla gama de "práticas futebolísticas pesquisáveis" e para diferenciar a discursividade acadêmica da midiática, proeminente à época. Posteriormente, o termo serviu para reafirmar uma visão crítica sobre a centralidade atribuída ao futebol de espetáculo e à natureza do futebol androcêntrico hegemônico, evidenciando práticas futebolísticas não hegemônicas e praticantes, por vezes, dissonantes - o que justifica sua inclusão no título

refletimos sobre percursos metodológico-epistemológicos que retiram do "futebol de espetáculo seu posto hegemônico" (Damo, 2020: 332).

As etnografias foram feitas durante a pandemia de COVID-19, com o acompanhamento presencial de treinos, jogos, *"peladas"*[7], torneios, *"rodas de conversa*" e "*resenhas"*[8] das equipes (registradas por meio de fotos e diário de campo), sendo atravessadas por momentos de inviabilidade de atividades e encontros presenciais e a realização de pesquisas *online*, por meio da navegação nas páginas dos dois times etnografados na rede social *Instagram* e no acesso ao grupo de *WhatsApp* restrito aos integrantes do time amador. Além disso, foram mantidas interações individuais *online* com integrantes de ambos os grupos, via *WhatsApp* e chamadas de vídeo que possibilitaram a elaboração de "narrativas biográficas" (Kilomba, 2018) de integrantes do time amador, partindo de sua relação com o jogo de futebol.

Os coletivos etnografados foram o *Meninos Bons de Bola (IMBB)*[9], equipe sediada na cidade de São Paulo, formada inicialmente por homens trans e pessoas transmasculinas[10] e que atualmente congrega também mulheres trans, travestis e não bináries praticantes de futsal; e *As Veteranas*, time que se reunia em um bairro central e popular de Salvador (BA), composto por mulheres majoritariamente lésbicas cisgênero e que acolhia também pessoas transgênero masculinas e femininas. O período abrangido

e no corpo de nosso trabalho. A alusão à diversidade inerente ao conceito não se perdeu, apenas se modificou.

[7] Neste trabalho, as expressões e falas dos(as) interlocutores(as) e seus pares estão grafadas entre aspas e em itálico. "*Pelada*" é uma expressão popular existente em diferentes cidades brasileiras para se referir ao jogo informal de futebol geralmente praticado como lazer. Em Salvador-BA, também é utilizada a denominação "*baba*".

[8] Em Salvador, "r*esenha*" denomina a reunião dos(as) praticantes após as partidas, frequentemente em algum bar do bairro, para comerem, beberem e conversarem sobre os jogos e outros temas.

[9] A opção pelo uso da sigla IMBB ao longo do trabalho vem do atual nome da equipe *Instituto Meninos Bons de Bola*, que decorre do fato de o time ter se tornado uma pessoa jurídica sem fins lucrativos. Além de time de futebol amador voltado para pessoas trans, o IMBB, por meio de recursos provenientes de parcerias e apoios externos, tem viabilizado bolsas para as pessoas que participam regularmente de atividades do time e tem também realizado ações educativas por meio da prática do futebol com o objetivo de sensibilizar sobre a inclusão de pessoas trans nas práticas esportivas.

[10] Por muito tempo, o IMBB apresentou-se como o "primeiro time de homens trans do Brasil". Para Almeida (2012), o uso da categoria "homem trans" como categoria política serviu, inicialmente, para abarcar múltiplas experiências e identificações transmasculinas que tinham em comum a desidentificação com o binarismo cisgênero. No decorrer dos anos, e com o crescente ingresso de jogadores que se autoidentificavam como "*transmasculinos*", "*não bináries*", "*boycetas*", entre outras categorias, a categoria "homem trans" passou a não mais comportar a pluralidade que fazia parte do time, tornando-se mais frequente a apresentação como uma equipe "formada por homens trans e pessoas transmasculinas". Para Almeida e Carvalho (2020: 335), as pessoas que fazem parte da coletividade transmasculina "[…] compartilham entre si, simultaneamente, o fato de terem sido compulsoriamente assinalados sob os signos da feminilidade no momento do nascimento, tendo ao longo das suas vidas, em diferentes momentos e sob circunstâncias diversas, reivindicado para si uma identidade de gênero situada no campo das masculinidades".

pelas etnografias estendeu-se de março de 2020 - momento a partir do qual, no Brasil, foi decretado o estado de quarentena da COVID-19 e entraram em vigor as primeiras medidas sanitárias de isolamento e distanciamento social - até o ano de 2022.

No contexto da prática esportiva, dentro e fora das quadras, percebemos que os coletivos e seus integrantes adotaram distintas modalidades de cuidado. Essas estratégias articularam saberes e práticas populares e biomédicas, integrando seres humanos e entidades espirituais, além de vincularem os sujeitos aos seus respectivos grupos esportivos, às suas famílias e às comunidades do entorno. Ao mesmo tempo, esses estratagemas de cuidado eram atravessados por políticas, éticas, relações, moralidades, emoções e ocorriam em meio às condições materiais e ao "caos cotidiano", em um mundo habitado de forma interdependente por humanos e não-humanos (remédios, espíritos, plantas, vírus, objetos etc.), como explicam Bellacasa *et al.* (2023:116).

Com base nessa noção de cuidado polissêmico, ambivalente e situado (Bellacasa *et al.,* 2023), sugerimos que as experiências futebolísticas etnografadas constituíram uma tecnologia de cuidado favorável ao bem-estar físico e mental de seus integrantes, afetades pela "naturalização da cisnorma" (Jesus, 2021: 26). Por um lado, o bem-estar adviria do esporte praticado como lazer, permeado pelo prazer e por inúmeras medidas de cuidado consigo e com outrem; por outro, o bem-estar resultaria das noções de coletividade, de pertencimento e de auto(re)conhecimento, constituídas entre pares em torno dessa modalidade esportiva. Isso inclui a possibilidade de ocupação de espaços públicos para praticarem o esporte, como também afirmarem politicamente suas existências e gozarem do direito de expor seus corpos e suas subjetividades[11] (Butler, 2018).

Ao abordarmos práticas e vivências esportivas de pessoas lidas como dissonantes em uma modalidade que se caracteriza pela reiteração da hegemonia masculina (Pisani, 2018), tendo a cisgeneridade e o binarismo como normas reguladoras (Camargo, 2020; Pires, 2020), tratamos de pedagogias corporais (Camargo, 2020) que questionam e contestam a "supremacia cis" (Oliveira; Dias; Prestes, 2021:10) e se destacam pelo seu potencial de cuidado individual e coletivo (Nascimento, 2023).

[11] Denominamos subjetividade o resultado de nossa inserção paulatina, nos âmbitos público e privado, em uma sociedade sociohistórica e politicamente determinada, por meio da qual elaboramos e atribuímos significado às "nossas vidas, corpos, desejos, afetos e experiências" até nos tornarmos "aquilo que somos", atravessados por marcadores sociais da diferença (Pisani, 2018:115).

Reafirmamos a importância de considerarmos as problemáticas enfrentadas diariamente por pessoas cujas corporalidades, identidades de gênero e sexualidade divergem da métrica cisheteronormativa. Também reiteramos a necessidade de haver "novos modos de atenção" (Bellacasa *et al.*, 2023:116) destinados a essas populações, como aqueles produzidos por meio de suas práticas de cuidado de si e coletivas, na contramão da estigmatização e da violência física e simbólica que lhes são impostas, atentando-se, por exemplo, às suas estratégias de viabilizar espaços de sociabilidade e de possibilidades de existência mais inclusivos e plurais. Por fim, ratificamos o "potencial disruptivo do cuidado" acionado de diferentes formas pelas pessoas que foram nossas interlocutoras, o qual "opera deslocamentos em hierarquias de valor estabelecidas" e gera possibilidades (*Ibid.*, 2023:117).

A seguir, apresentamos as duas experiências de campo e as especificidades acerca da formação de cada time. Buscamos evidenciar as estratégias adotadas por cada coletivo para ocuparem espaços públicos para a prática do futebol amador e recreativo, além de reivindicarem o direito de aparição de suas corporalidades. Em meio a escrutínios, hostilidades e violências às quais essas pessoas, por vezes, estavam expostas, analisamos os sentidos atribuídos ao colocar o corpo "pra jogo" e integrar times nos quais se sentiam acolhidas. Também exploramos a construção de espaços de socialização e as múltiplas estratégias de cuidado favoráveis ao seu bem estar físico e mental em torno da prática do futebol, evidenciando uma interface particular entre jogar bola, sociabilidades e cuidado.

Meninos Bons de Bola

Foi em agosto de 2016 que Raphael Henrique Martins, o Rapha, um homem trans negro, periférico, então educador social que trabalhava no Centro de Referência da Diversidade do município de São Paulo (CRD), teve a ideia de convidar e realizar um encontro de homens trans residentes na Grande São Paulo com o propósito de construir um momento de sociabilidade e um canal de diálogo sobre questões que os atravessavam enquanto sujeitos transmasculinos. O mote desse encontro, que aconteceu no Parque da Juventude, situado no bairro do Carandiru, na Zona Norte da capital paulista, era a realização de um jogo de futebol para homens trans. Com o apoio de colegas que trabalhavam no CRD, Raphael reuniu cerca de 15 homens trans – alguns acompanhados de familiares, companheires e pessoas amigas – e o grupo conseguiu

ocupar uma das quadras de futsal públicas do parque. Nas palavras de Raphael, mais do que um encontro e momento de trocas entre homens trans, ali começava uma "*relação do futebol com o mundo trans"* que deu origem ao *Meninos Bons de Bola*.

Assim como Rapha, muitas pessoas que participaram daquele encontro, tinham se distanciado do futebol à medida que perceberam que seus corpos e performatividades tensionavam convenções de gênero e sexualidade e o binarismo característicos das práticas esportivas. A permanência no esporte, em alguma medida, se apresentava como uma impossibilidade, visto que suas expressões de gênero confrontavam convenções e normas de espaços futebolísticos. Ao decidirem tornar pública sua transição de gênero, não se sentiram acolhides e à vontade para integrar times masculinos e femininos, amadores ou de alto rendimento. Também havia pessoas que, pela primeira vez, praticavam um esporte que, por tanto tempo, parecia-lhes interditado; e decidiram fazê-lo pela possibilidade de conciliar o jogar bola com a participação em um espaço de sociabilidade transmasculino.

Essa conjunção de experiências, o inusitado e o inédito de um encontro como aquele, além da busca pela constituição de um espaço de sociabilidade inclusivo e acolhedor para um grupo invisibilizado na sociedade (Peçanha, 2021) e que começou a se articular e a se organizar politicamente no início da década de 2010 (Almeida; Carvalho, 2020; Ávila, 2014; Coacci, 2018; Peixe; Morelli, 2018) dão a dimensão da relevância histórica e política do encontro realizado no dia 26 de agosto de 2016, uma manhã de domingo. Rapha, fundador, jogador e, hoje, presidente do IMBB, compartilhou a memória desse momento inicial do time, em entrevista concedida em março de 2021:

> Pra mim, foi um momento muito mágico, de muito êxtase. Porque eu não tava conseguindo acreditar que existiam pessoas iguais a mim, né. A partir do momento que comecei a olhar aquele monte de moleques chegando pro encontro e com diversas fases da transição, fiquei pensando: "Será que vou chegar até ali? Será que eu vou conseguir? Será que é isso mesmo?" E quando joguei futebol com esses moleques, foi quando olhei assim e falei: "Mano, é isso! Por que eu parei de jogar bola, sendo que tenho vários companheiros que podem seguir nessa trajetória junto comigo?" Poder vivenciar um sonho que foi barrado ali pra gente. Acho que aquele dia foi o melhor dia da minha vida, porque pude conhecer histórias, compartilhar a

> minha história e conhecer pessoas. Pessoas *que compartilhavam os mesmos* medos, as mesmas ansiedades, praticamente os mesmos sonhos que eu […].

Desde então, o time passou por várias mudanças, saídas e entradas de integrantes. A minha aproximação com o coletivo e alguns de seus jogadores teve início em 2017, acompanhando treinos, jogos e eventos. A luta pelo *"direito de existir"* e poder viver o *"sonho de ser jogador de futebol"* - sonho menos movido pelo anseio de vir a se profissionalizar do que pela possibilidade de "viver o futebol" e "viver o esporte entre dramas e alegrias" (Almeida, 2013), uma experiência significativa que faz parte da vida cotidiana -, levou o IMBB a buscar diferentes espaços públicos na cidade ao longo de sua existência para realizar treinos e encontros entre seus integrantes e jogar bola em segurança.

Do Parque da Juventude, local que passou a ser considerado pouco seguro, em função das constantes intimidações e restrições ao pleno acesso às quadras do local, o IMBB se mobilizou para realizar encontros, treinos e partidas em quadras de futsal diversas, localizadas em espaços e em praças públicas - geralmente de uso gratuito, mas, em sua maioria, em condições precárias, sem cobertura que protegesse, por exemplo, da chuva, fator que inviabilizava a realização de treinos e jogos. Também era comum negociar o uso do espaço com outras pessoas, quase sempre homens jovens cis.

Ademais, o time treinou e organizou jogos em quadras de futsal privadas, custeadas por meio de rateio da locação entre seus integrantes ou via recurso financeiro externo obtido por intermédio de parcerias. Isso proporcionou maior segurança e melhores condições para a equipe realizar trabalhos físicos, exercícios de fundamentos do jogo (como passe, domínio de bola, chute a gol, posicionamento em quadra etc.) e os treinos coletivos, nos quais eram formados times que jogavam uns contra os outros.

Os treinos e encontros de integrantes do IMBB aconteciam costumeiramente aos domingos, dia da semana no qual era possível reunir um maior número de pessoas para jogar. A maior parte dos locais nos quais o IMBB realizou seus treinos e jogos se situava no Centro da cidade de São Paulo, região que conta com uma oferta maior de equipamentos de lazer e é atendida por uma extensa rede de transportes públicos (trem, metrô e ônibus), sendo considerada de mais fácil acesso para o deslocamento de integrantes do time, em sua maioria jovens entre 20 e 30 anos de idade, que residiam em

diferentes bairros da capital paulista ou em municípios que fazem parte da Grande São Paulo.

No dia 15 de março de 2020, dias depois do primeiro treino realizado pelo time naquele ano, o governo paulista decretou o estado de quarentena e emergência sanitária, instituindo medidas de isolamento social, o que fez com que várias atividades, inclusive o futebol, profissional e amador, fossem paralisadas. Diante da impossibilidade da realização de treinos e encontros presenciais, me vi impelido a rever o plano de pesquisa e a abordagem etnográfica. Me valendo do acesso concedido ao grupo de *WhatsApp* exclusivo para jogadores e integrantes do IMBB, desenhei possibilidades de me manter vinculado ao time e interagir com seus integrantes, diante da incerteza em relação ao tempo que duraria a pandemia e ao momento em que seria possível retomar encontros presenciais.

Ter uma vivência prévia, acompanhando e participando de atividades do time, possibilitou ao grupo entender melhor o propósito da minha pesquisa e, em especial, o porquê de um homem cisgênero compartilhar um espaço de intimidade de um time transmasculino. Nesse "compartilhar experiências em comum", em alguma medida, eu também me tornava "mais um no time" (Pisani, 2018: 34). Assim, me voluntariei para assumir funções dentro do coletivo, ajudando, por exemplo, na organização de rifas e "vaquinhas" do time a fim de arrecadar recursos para a aquisição de materiais esportivos e de um novo uniforme. Também me coloquei à disposição para elaborar conteúdos para as redes sociais do time, como a produção de perfis de atletas que compunham o grupo naquele momento, trabalho feito em colaboração com integrantes do time. Esses materiais serviram tanto para a pesquisa como para a manutenção das ações do IMBB[12] durante o período sem treinos e jogos.

Alguns temas recorrentes nas interações *online* que acompanhei no grupo fechado de atletas do IMBB também faziam parte das conversas presenciais e momentos descontraídos pré e pós-treino, como questões biomédicas e jurídicas

[12] Em maio de 2020, tomei a iniciativa de auxiliar na produção de conteúdos para a página do time no *Instagram* e favorecer o acolhimento de novos integrantes. Utilizando perguntas disparadoras, estimulei os jogadores a se apresentarem; escolherem fotos pessoais relacionadas ao esporte e ao grupo; e falarem de si, de sua relação com o futebol, sobre o que representava a sua entrada no IMBB e como viviam a experiência de pandemia. O material enviado via *Whatsapp* foi transcrito e editado por mim, compondo as postagens. Outra iniciativa adotada consistiu na proposição de um questionário *online* no qual os integrantes expressaram o impacto dos encontros presenciais realizados em outubro e em novembro daquele ano para sua saúde física e mental, em plena pandemia.

relacionadas à transição de gênero[13], oportunidades de trabalho e estudo dirigidas a pessoas trans e, em menor frequência, vida pessoal e relacionamentos afetivos. Essas trocas de informações e vivências entre homens trans e pessoas transmasculinas compunham o que Braz (2018: 167) definiu como "itinerários e estratégias ligadas à sua visibilização (ou ocultação) em distintas esferas".

No entanto, ficou evidente ao longo da pandemia que as conversas que geravam mais engajamento tratavam da falta que estavam sentindo do jogar bola com colegas de time e as especulações sobre quando haveria condições para o retorno das atividades presenciais do grupo.

Após um breve período de retomada de treinos presenciais no final de 2020, propus a integrantes do time que me respondessem a um questionário *online*. A ideia era a de que relatassem, em poucas palavras, como conheceram o time, as relações prévias com o esporte e as suas impressões sobre aquele período de retorno dos encontros e atividades presenciais durante a pandemia, até aquele momento, sem previsão de quando haveria uma campanha de imunização. As respostas ao questionário mostraram que muitos integrantes do time tiveram de seguir trabalhando fora de casa, sem possibilidade de cumprir o isolamento social mais estrito, apesar do elevado número diário de casos confirmados e de pessoas que perderam suas vidas em decorrência da COVID-19. Para algumas das pessoas respondentes, os momentos de treino e de jogar junto a semelhantes representaram uma *"válvula de escape"*, *"refúgio"* e *"alívio"* em relação aos problemas cotidianos. Jogar bola entre os *"seus"*, compartilhar um espaço e uma prática com pessoas que carregavam marcas e trajetórias com as quais se reconheciam, possibilitava *"extravasar"* as frustrações, além de *"dar força"* para enfrentar o *cis*tema[14].

Pisani (2018) ressalta como o pertencer a um time, especialmente para pessoas provenientes de grupos sociais subalternizados, pode representar uma importante rede de apoio e de superação das dificuldades do cotidiano. Embora a autora se refira à

[13] Algumas questões abordadas foram: o acesso a serviços de saúde especializados, públicos ou privados, para pessoas trans; dúvidas sobre o uso de testosterona e hormonização; receitas médicas e indicações de profissionais de saúde especializados no atendimento de homens trans; trâmites burocráticos e custos relacionados à retificação do nome e da identidade de gênero em documentos e registros civis, entre outras.

[14] Para Vergueiro (2015: 16), "a corruptela 'cistema', entre outras [...] têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – 'cistêmico' – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de 'transfobia'".

experiência de mulheres praticantes de futebol, seu argumento se aproxima da realidade vivida por integrantes do IMBB:

> … É preciso que se compreenda o fenômeno a partir de uma perspectiva mais geral e que se aponte estratégias de sobrevivência e de superação – das violências físicas e simbólicas – elaboradas por mulheres – sejam elas negras ou brancas; crianças, jovens ou adultas; lésbicas ou heterossexuais; moradoras da periferia ou do centro da cidade; das classes mais baixas ou mais altas da sociedade brasileira. Foi a partir de conversas com as atletas que compõem essa etnografia que pude vislumbrar o quão significativo é pertencer a uma equipe de futebol. **Estar inserida em uma rede de apoio auxilia na superação das dificuldades da vida e ajuda a ressignificar o lugar delas no mundo.** (Pisani, 2018: 188, grifo nosso)

O relato de Ale, transmasculino não binário, negro, que ingressou no IMBB no final de 2020, dá essa dimensão do time de futebol como rede de apoio. Tendo participado de treinos realizados durante a pandemia, além do estranhamento inicial de aproximar-se de um grupo novo, com pessoas desconhecidas, Ale lidou com o desconforto de ser uma das poucas pessoas usando máscara, enquanto a maioria dos colegas de time optou por treinar e jogar sem máscara. Ainda assim, para ele, recém-chegado na cidade de São Paulo, foi de extrema importância voltar a fazer uma atividade física que lhe proporcionasse bem-estar, na companhia de um coletivo onde se sentiu acolhido. Em suas próprias palavras: *"Na hora de jogar bola, eu sou mais livre pra me expressar... E eu já me senti totalmente confortável, assim, foi um negócio de um encontro que me fez muito bem"*.

Voltar a jogar futebol em um contexto transcentrado[15], onde se sentiu reconhecido e valorizado, também o ajudou a se sentir mais seguro para transitar e ocupar outros espaços em que seu corpo e subjetividade não eram plenamente respeitados ou se deparava com *"dificuldades de se colocar"*. Reencontrar o prazer jogando futebol e fazer parte da *"família IMBB"*[16], fortaleceu Ale e possibilitou a ele conhecer e construir vínculos com uma coletividade trans/transmasculina.

[15] Scheffel (2022, s/p), ao tratar e refletir sobre as relações transcentradas, afirma que "TRANScentrar é o ato de realizar algo junto às demais pessoas que também são trans".

[16] Pisani e Pinto (2021: 8) consideram a categoria *família* como um dispositivo por meio do qual "mulheres cis e homens trans futebolistas acionam alianças entre seus pares, elaboram estratégias de sobrevivência contra os ataques machistas/misóginos, LGBTfóbicos, se apropriam da prática esportiva futebol, e, [...] tensionam as normas reguladoras dos corpos e subjetividades [...] nesse campo".

Em diálogo com bell hooks (2020), Letícia Nascimento (2023: 77) teoriza sobre o transcentrar e ressalta a importância das relações de afeto e de cuidado entre pessoas trans "como uma prática ética, política e coletiva". Mesmo não isentas de conflitos e rompimentos, coletividades transcentradas assumem um importante papel para as pessoas que delas fazem parte, tanto no cuidado de si como atuando no cuidado de todo o coletivo:

> Quando pessoas transvestigêneres[17] buscam Transcentrar suas relações, tentamos diminuir o excesso de explicações sobre nós mesmes/as que precisamos sempre fazer, além de reduzir nossa exposição à transfobia. Nessa proposição, não busco afirmar que espaços ocupados exclusivamente por pessoas transvestigêneres sejam livres de violências, afinal nossas subjetividades são forjadas, atravessadas pela colonialidade. Entretanto, ao Transcentrar nossas relações, buscamos assumir um compromisso ético e coletivo de uma prática de amor que se desdobra em cuidado coletivo. Ao Transcentrar as relações, as pessoas transvestigêneres descolonizam o espelho, na medida em que esse espelho não opera mais devido a um pacto narcísico, a busca é por perceber-se em outre/a transvestigênere, de modo acolhedor, não para afirmar individualismos, uma vez que as singularidades são respeitadas e fazem parte de trama coletiva de trans(r)es(x)istências. Buscar a si nes/nas semelhantes não para mirar-se sozinhe/a, mas para existir coletivamente. (Nascimento, 2023: 77)

No segundo semestre de 2021, com o avanço da campanha de vacinação e a flexibilização das medidas sanitárias, o time retomou os treinos e encontros presenciais, em uma quadra de futsal pública e descoberta na região central de São Paulo. Naquele momento, ainda sem contar com uma direção técnica, integrantes do time que tinham mais experiência jogando futebol, com passagens por categorias de base de times de futebol, assumiram a responsabilidade de orientar o coletivo na realização de séries de alongamentos, exercícios físicos e no treino de fundamentos técnicos do jogo.

Em seguida, era realizado o coletivo, que muitas vezes virava uma *"pelada"* descontraída, com times separados por coletes coloridos ou, então, na falta de coletes,

[17] Para Nascimento (2023: 14), "o termo transvestigênere aglutina as palavras travesti+trans+gênero a partir de linguagem neutra para se referir a corporalidades e subjetividades que mesmo em suas distinções rompem com a cisgeneridade como forma de identificação, [...] a partir do referido termo: travestis, transexuais, homens trans, transmasculinos(es) e pessoas não-binárias (que não se identificam exclusivamente com um gênero)".

jogando contra si divididos em times com e sem camisa, variante muito comum no futebol jogado na rua por meninos e homens cis. Assim, era comum ver homens trans e pessoas transmasculinas, em sua maioria negras, provenientes de bairros periféricos, se sentindo à vontade para expor seus corpos em público ao praticar o esporte. Nesse momento, via-se jogadores com torsos mastectomizados, assim como integrantes que faziam uso de *binders*, faixas compressoras, tops ou esparadrapos para cobrir as mamas, ou mesmo preferiam não fazer uso de qualquer órtese e, ao tirar a camiseta, optavam por ficar com o peito descoberto. Em um diálogo com Judith Butler (2018), essa experiência de ocupação de espaços públicos para jogar bola pode ser compreendida como um exercício performativo de reivindicação do direito de aparição de suas "masculinidade(s) inquietante(s)" (Nery; Maranhão, 2015: 1) e de representação da sua "existência plural" (Butler, 2018: 20).

A ideia de "corpos em assembleia" (Butler, 2018) ficava evidenciada nos jogos e nas rodas de conversa pós-treino, momento em que o grupo conversava sobre a prática, as expectativas para atividades futuras e vivências pessoais. Essas trocas e conversas entre jogadores aconteciam também nos deslocamentos de ida ao local onde o time se reuniria e após o encerramento do treino, já no início de tarde, quando integrantes do time se dividiam em grupos menores e se organizavam para retornarem às suas casas, irem ao trabalho ou seguirem para algum bar nos arredores, próximo a uma estação de metrô, para comer, tomar algumas cervejas e prolongar a *"resenha"*.

No transcentrar e nesses pequenos atos feitos na companhia de pares, integrantes do IMBB faziam o que Butler (2018: 33) entende por exigências mais abrangentes por *"*vidas mais vivíveis": "estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida".

As Veteranas

O grupo de futebol recreativo feminino soteropolitano *As Veteranas* foi criado oficialmente em 2017, por iniciativa de algumas integrantes que mantinham vínculos de amizade e se reuniam para praticar o esporte regularmente, por lazer, desde 2016, embora muitas delas se dedicassem a essa modalidade antes disso. À época da pesquisa, elas jogavam semanalmente às sextas-feiras, das 18h às 21h, em uma das quadras na

praça onde se situava o ponto final das linhas de ônibus de um bairro popular e central na capital baiana. O dia e horário escolhidos contribuíam para garantir a assiduidade, pois muitas estudavam e trabalhavam durante o dia, embora houvesse quem iniciasse o trabalho à noite, a exemplo de uma das administradoras - ou *"adm"*, como eram apelidadas entre si.

O grupo era formado por pessoas com diferentes identidades de gênero e sexualidade, a exemplo de mulheres cisgênero heterossexuais e homossexuais e, em menor proporção e frequência, homens trans e mulheres trans. As idades das pessoas variavam entre 15 e 45 anos, possuindo experiências distintas no futebol. Paralelamente à sua participação no grupo *As Veteranas*, algumas integravam outros grupos de futebol (amadores, profissionais ou recreativos) ao longo da semana. Predominavam jogadoras não profissionais, negras, cis, lésbicas, jovens, que moravam em outros bairros da cidade e praticavam recreativamente o esporte. Os encontros eram organizados previamente pelas *"adms"* e divulgados em cards na página do time no *Instagram*[18], cabendo às pessoas interessadas registrarem seu nome na lista de presença compartilhada por *WhatsApp.* Para jogar, bastava comparecer por iniciativa própria ou a convite de alguém que fazia parte do time e seguir as regras do *"baba"*.

Em média, compareciam entre 13 e 17 pessoas para jogar nos dias menos movimentados e, em dias de maior assiduidade, o grupo reunia entre 25 e 33 pessoas. Ainda que houvesse uma certa quantidade de praticantes regulares, a formação do grupo era variável. Nos jogos semanais, os times eram formados por cinco integrantes cada, escolhidos(as) por sorteio e que se diferenciavam na quadra utilizando coletes monocromáticos[19].

Algumas mulheres cis que integravam o grupo exibiam aparência, linguagem, condutas etc. masculinizadas, que destoavam da métrica cisnormativa, pautada na diferenciação radical e biologicista entre homens/masculino e mulheres/feminino. Pelo fato de muitas jogadoras serem lésbicas com esse perfil (apelidadas entre si de *"bofinho"*), alguns(mas) moradores(as) se referiam a elas citando a palavra *"mulheres"*

[18] No trabalho de campo soteropolitano, a etnografia *online* limitou-se ao acompanhamento da página oficial do time na rede social *Instagram*, visto que integrantes e administradoras não cogitaram meu acesso, como pesquisadora, aos grupos de *WhatsApp,* os quais eram destinados de forma diferenciada às jogadoras regulares e às novatas. Entretanto, esse aplicativo de celular foi utilizado eventualmente na comunicação com as administradoras e alguns(mas) praticantes.

[19] Integrantes assíduos(as) distinguiam-se dos(as) demais por conquistarem o direito a um colete estampado com a logomarca do grupo, grafado com seu nome ou apelido nas costas.

intencionalmente em tom irônico e depreciativo, gesticulando com as mãos, insinuando aspas.

A compreensão desses(as) moradores(as) remete à caracterização, descrita por Pisani (2018), do futebol brasileiro praticado por mulheres cis heterossexuais e por mulheres que performam feminilidades dissidentes da cisheteronorma. Esse futebol se caracterizaria, entre outros aspectos, pela coexistência e fluidez entre masculinidades e feminilidades nos mesmos corpos. Isso ocorre à medida que as jogadoras, ao interagirem em campo, acionam aspectos ditos "masculinos" (usam roupas largas, demonstram força, agilidade e agressividade etc.) ou "femininos" (optam por uniforme mais justo e curto, exibem cabelos e unhas bem cuidados e fetichizados etc.).

Ao performarem algo associado ao gênero masculino, são vistas como "machos". Essas feminilidades lidas como masculinizadas aparecem em distintos contextos de times de futebol feminino ou formado majoritariamente por mulheres; e refletem a reprodução de "técnicas corporais específicas e próprias ao *métier* jogadora de futebol" nas roupas, modos de andar, agir, chutar etc. (Pisani, 2018: 214).

A ocupação da quadra do bairro por mulheres cis e pessoas trans – um espaço habitualmente utilizado por grupos masculinos cis de futebol – chamava a atenção especialmente dos homens, de diferentes idades, atraídos pela prática do esporte e pelo que alguns denominavam *"beleza"* das jogadoras (por vezes, enfatizando suas *"partes íntimas"* em comentários entre si). A troca de coletes ou camisa em plena quadra, evidenciando os seios sob os tops; os shorts curtos, colados, delineando os corpos; as pernas abertas ao amarrar as chuteiras não passavam despercebidas pela audiência masculina.

A presença eventual de homens trans e mulheres trans na quadra era acolhida pelo grupo. Entretanto, seus corpos despertavam curiosidade e estranhamento para algumas jogadoras e pessoas que assistiam aos jogos, o que não foi observado ao se tratar de mulheres cis masculinizadas. *"Ela é mulher, mesmo?"* me perguntou discretamente uma jogadora que assistia a uma partida, referindo-se a uma mulher trans que via pela primeira vez em campo e era conhecida por outras no grupo. Em seguida, acrescentou que, mesmo tendo contato com pessoas transgênero onde morava e no posto de saúde que frequentava, sentia dificuldade em falar em consonância com o gênero com o qual essas pessoas se identificavam: *"vai demorar pra* (me) *acostumar"*.

A estranheza também foi compartilhada por um homem cisgênero sexagenário, espectador assíduo, que manifestou abertamente sua incompreensão diante da mesma mulher trans, além de desconhecer o significado da categoria trans. Essa percepção particular sobre o que é ou não "ser mulher", esboçada por ambos, sugeria uma compreensão biologizante, binária e de oposição entre masculino e feminino, pressupondo um alinhamento entre sexo-gênero-desejo (Butler, 2003), além de desconsiderar mediações sociais e outros aspectos relacionados à dimensão cultural na construção dos corpos (Silvestrin; Vaz, 2021).

Assim, o uso regular da quadra por integrantes d'*As Veteranas* produzia novos sentidos e complexificava as noções de masculinidade e feminilidade, para além das categorias *homem* e *mulher*, vistas sob uma ótica cisheteronormativa. Por conseguinte, também atribuía novos significados àquele espaço coletivo urbano, de uso majoritariamente masculino, na comunidade.

As pessoas que compunham a equipe retomaram as partidas semanais após a revogação da suspensão do uso das quadras locais decretada pelos gestores do estado e do município, de modo que o trabalho de campo transcorreu no período em que os protocolos sanitários haviam sido flexibilizados. Fora do campo, era possível ver integrantes do time comentarem sobre as vacinas que haviam tomado ou planejavam tomar; cumprimentando-se com os punhos fechados; e apenas uma pequena parcela usava máscaras. Uma das *"adm"* seguia à risca as medidas preventivas para zelar pela própria saúde e para prevenir uma eventual contaminação da mãe idosa. Mas, para a maioria das pessoas que faziam parte do time, esses cuidados eram deixados de lado durante os jogos e as *"resenhas",* além de muitas delas se encontrarem face a face regularmente, fora do contexto dos jogos.

De modo geral, familiares, cônjuges e pessoas amigas dos(as) jogadores(as) que assistiam às partidas semanais e aos torneios[20] informais entre si ou que compareciam eventualmente nas *"resenhas"* agiam de forma similar: aderiam pouco ou não adotavam medidas de proteção contra o novo coronavírus, a exemplo de usar máscaras, manter o

[20] As praticantes do grupo *As Veteranas* que jogavam futebol profissionalmente ou de forma amadora participavam eventualmente de torneios formais, promovidos por seus respectivos grupos esportivos. Em paralelo, compareciam aos campeonatos informais, organizados pelas *"adm"*, nos quais predominavam jogadoras sem formação esportiva. Essas competições informais ocorriam periodicamente na mesma quadra onde jogavam toda semana, reunindo as componentes do grupo e amigos(as) praticantes do esporte, com vistas a integrá-las, entretê-las e aprimorar suas habilidades em campo. Por vezes, as participantes do grupo *"As Veteranas"* jogavam em torneios realizados por outros grupos femininos recreativos de futebol em algum ginásio na cidade.

distanciamento social e aderir criteriosamente à vacinação. Assim, a pandemia pareceu impactar timidamente a rotina dos encontros para a maior parte das pessoas que integravam *As Veteranas*. As adaptações protetivas contra a COVID-19 foram incorporadas apenas por um pequeno número de integrantes do time, especialmente fora das quadras.

Em contraste com a tímida adesão às medidas sanitárias frente ao novo coronavírus, era comum ver componentes do grupo empregarem, de forma articulada, múltiplas estratégias voltadas ao cuidado de si, *antes, durante* e *depois* das partidas. Essas modalidades incluíam o zelo com o próprio corpo, assim como com os corpos de outras pessoas que participavam do time, o que envolvia o cuidado com suas subjetividades e emocional. As estratégias de cuidado integravam saberes e práticas ditas tradicionais e biomédicas; e se estendiam à relação de algumas jogadoras com elementos não-humanos, a exemplo daqueles identificados popularmente como "espiritualidade". Havia pessoas que recorriam a esse conjunto de cuidados regularmente, enquanto outras, só ocasionalmente.

O *antes* do jogo, para algumas pessoas que integravam o time começava com uma *"oração"* ao saírem de casa. Eventualmente, alguma componente se benzia ou borrifava o perfume alfazema no corpo antes de adentrar no campo, como forma de se sentir *"protegida*". O cuidado com o corpo incluía a limpeza da quadra, desde recolher as fezes de cachorros deixadas pelos donos em passeio com seus animais a escorrer a água da chuva acumulada, utilizando vassouras e papelões obtidos nos arredores, para evitar escorregões e outros acidentes. Integrantes do time retiravam determinados adereços, a exemplo de brincos grandes e relógios, para evitar ferimentos entre si. Havia quem se poupava de jogar quando estava machucada(o), se recuperando de alguma lesão sofrida em jogo anterior ou quando iria participar de um campeonato nos dias subsequentes. O momento anterior às partidas também servia para que uma das *"adm"* reforçasse determinados valores e comportamentos junto ao grupo quando julgava necessário, como o caráter recreativo do jogo, o respeito mútuo e o compromisso com o coletivo, favorecendo a boa convivência.

O preparo do corpo antes da atividade física abrangia realizar alguns alongamentos, fazer exercícios de força nos equipamentos de ginástica ao ar livre localizados próximos à quadra (abdominal, barra fixa) e aquecerem-se dando pulinhos, exercitando o toque de bola entre si em pequenos grupos etc. Em jogos e torneios

durante o dia, algumas pessoas adotavam protetor solar, bonés ou blusas de manga com proteção UVA/UVB. Por vezes, incorporavam no vestuário outros acessórios protetivos, como meias longas, joelheiras, tensores e shorts térmicos para evitar assaduras entre as coxas[21]. Como nem todas possuíam recursos financeiros para adquirir chuteiras, eventualmente emprestavam o calçado entre si. O sapato amenizava o frio à noite, protegia do *"mijo"* na quadra e evitava a laceração de dedos e sola dos pés, sendo obrigatório durante os torneios.

Por fim, o cuidado com o corpo *antes* dos jogos incluía o compartilhamento de saberes e experiências pessoais sobre o uso de remédios alopáticos e sobre a realização eventual de exames e consultas nas redes pública e privada de saúde. Algumas jogadoras cis, em conversa com um jogador trans, recomendavam entre si chás preparados com ervas medicinais para lidarem com cólicas menstruais, dor de barriga e outras complicações menos graves de saúde, sobretudo diante da impossibilidade de tomarem determinados componentes ou remédios devido a alergias, por exemplo. Outras pessoas ofereciam conselhos, caso alguém comentasse acerca de dor ou inflamação: *"Vá aquecendo!"* ou *"Você não corre demais, não chuta muito forte…"*. As conversas entre si revelavam ainda a prática de suspender o consumo de bebidas alcoólicas caso estivessem utilizando anti-inflamatórios musculares ou uma medicação semelhante.

Durante as disputas, os cuidados corporais incluíam a hidratação, tomando água, suco, energéticos, refrigerantes e bebidas similares, trazidas de casa ou compradas no comércio local. Evitavam jogar durante a chuva e moderavam a intensidade nas abordagens corporais e chutes para não machucarem os(as) demais praticantes. Ao atuarem no gol, protegiam preferencialmente os seios e a região da virilha contra as boladas. Em situações envolvendo contusões, uma das *"adm"* concedia um spray anestésico, próprio para pancadas, de uso coletivo; ou aplicavam gelo, adquirido com comerciantes no entorno. As cãimbras eram aplacadas com massagens ou alongamentos feitos por alguma pessoa do time; e a dor abdominal transitória, popularmente apelidada

[21] Pisani (2018) destaca algumas medidas adotadas por mulheres praticantes de futebol similares àquelas referidas neste trabalho, porém sob uma perspectiva distinta da noção de cuidado que propomos, como: arrumar e prender cuidadosamente os cabelos; aplicar protetor solar; vestir acessórios protetivos, como caneleiras e meiões; proteger os dedos e unhas dos pés, enfaixando-os; retirar piercings, alargadores e brincos, cobrindo os orifícios com esparadrapo; retirar aneis e alianças; aplicar desodorante e eventualmente, perfume, além de rezar coletivamente antes de entrar em campo e após a partida, independentemente do resultado alcançado.

de *"dor de facão",* era remediada com a aplicação de folhas na região do abdome ou rins, como ensinou uma jogadora, que aprendeu ainda pequena o costume com a mãe.

Um dos cuidados adotados *durante* as partidas era o exercício do controle emocional, referido continuamente em comentários dos(as) jogadores(as) entre si ou por uma das "adm" por meio de advertências dirigidas a quem estava em campo. O objetivo era não se deixar levar pela disputa esportiva a fim de diminuir o impacto das emoções sobre o corpo físico[22], tendo em vista o caráter recreativo do esporte e seu papel no manejo do estresse cotidiano - *"jogar pra desestressar"*. O domínio emocional também favorecia o respeito mútuo e era reforçado pelo bom humor, sobretudo sob a forma de piadas, igualmente estratégico para a manutenção da hierarquia das *"adm"* em relação ao restante do grupo e para a regulação das relações entre si, em favor da coesão grupal. O caráter de lazer no jogar bola era reiterado pela presença de cônjuges, amigues, filhes, mães, pais e outros parentes, evidenciando que o futebol também era um fator para o fortalecimento de vínculos com seus familiares e de integração com pessoas da comunidade local.

Após os jogos, durante as *"resenhas"* na praça, em um bar ou pizzaria local, buscavam se hidratar; e o consumo de bebidas alcoólicas ocorria acompanhado de lanches ou petiscos, reforçando entre si o cuidado para não beberem de estômago vazio. As *"resenhas"* eram momentos que propiciavam rever desavenças ocorridas durante os jogos e trocar impressões, experiências e saberes, consolidando o vínculo entre si.

As modalidades de cuidado desenvolvidas por integrantes desse time, no âmbito do esporte, necessitam ser compreendidas associadas à adoção parcial de medidas voltadas à prevenção da COVID-19. Em conjunto, elas apontam para a complexidade e para a ambivalência do exercício do cuidado por quem fazia parte do grupo. De forma similar, a vivência de suas identidades de gênero, atrelada às suas sexualidades, não era unívoca. Os corpos de atletas trans tensionavam as fronteiras entre as noções binárias de gênero, do ser "masculino" e "feminino". A ambiguidade também marcava as mulheres cis masculinizadas: por um lado, eram destituídas de sua condição de "mulher" devido à orientação sexual homossexual e à performatividade de gênero lida como

[22] Os(As) jogadores(as) referiam-se a algumas consequências físicas do descontrole emocional, a exemplo da arritmia cardíaca ou alteração na pressão arterial. Falar palavrões para aliviar o estresse era algo comum e aceitável. Porém, nem todos os palavrões eram admitidos, como ofender a mãe de alguém ou usar a palavra "*desgraça*", considerada significativamente ofensiva e negativa, sendo referida preferencialmente por corruptelas ("*disgraia*").

masculinizada; por outro, eram vistas como fêmeas, alvo do erotismo masculino e da objetificação pelo olhar cisheteronormativo de homens que assistiam aos *"babas"*.

Considerações finais

Neste trabalho, relacionamos nossas experiências etnográficas em cenários urbanos distintos para abordar as vivências s e as estratégias de homens trans, pessoas transmasculinas, mulheres cis e trans e pessoas não binárias ao se apropriarem do jogo de futebol. Esses futebóis são considerados dissonantes, pois os corpos das pessoas que os praticam rompem com a normatividade instituída no esporte, baseada em argumentos biologicistas que opõem o masculino/macho ao feminino/fêmea e pressupõem o alinhamento sexo-gênero (Silvestrin; Vaz, 2021). A noção hegemônica biologicista e binária no esporte, aliada a um imaginário cissexista, desconsidera a existência de múltiplas corporalidades, além de desrespeitar a identidade de gênero e a sexualidade das pessoas trans (Peçanha, 2021) e de mulheres cisgênero que excedem ideais regulatórios de feminilidade (Pires, 2021).

Os grupos etnografados se dedicam a um esporte historicamente avesso à participação de atletas mulheres e pessoas cuja identidade de gênero e sexualidade destoam da matriz cisheteronormativa, alijando-os de espaços públicos esportivos e de lazer. Em sua prática recreativa, integrantes de ambos os grupos não só reproduziam formas de jogar do esporte oficial, mas também adaptavam as regras e formas de jogo à pluralidade de seus corpos, ocupando de modo peculiar determinados espaços públicos urbanos utilizados majoritariamente por homens cis ditos heterossexuais. Trazer para o debate essas "manifestações corporais" é um modo de "desnaturalizar a cisnormatividade" (Peçanha, 2021: 102). Também contribui para contornar o "não lugar" atribuído às pessoas trans em nossa sociedade e para problematizar a reprodução de estigmas e de relações desiguais de poder no contexto do esporte (*Ibid*; p. 97).

Ambos os grupos atribuíram múltiplos significados ao futebol. Havia o prazer de estar ali, dedicados a uma atividade de lazer. Nos treinos e partidas, colocavam o corpo "pra jogo" e exploravam suas potencialidades, movimentando-se. O prazer também advinha do fato de estarem ao lado dos pares, reiterando os vínculos entre si - o que conferia novos sentidos à noção de "*família*" (Pisani; Pinto, 2021) - e, eventualmente, com pessoas amigas, parentes e outras que residiam na comunidade e prestigiavam os

jogos e disputas no bairro. Essas vivências, ainda que sujeitas a conflitos, reforçavam as noções de coletividade, de pertencimento e de auto(re)conhecimento entre si.

Ademais, os jogos proporcionavam o alívio do estresse decorrente de situações familiares, de trabalho e, em alguns casos, da violência física e simbólica sofrida no cotidiano, que lhes afetavam de forma interseccional, a exemplo do racismo, da misoginia, da homofobia e da transfobia, considerados determinantes sociais de saúde e doença. A invisibilidade de pessoas trans no esporte e o silenciamento frente a essas violências acentuam sua exclusão social, agravam sua vulnerabilidade e prejudicam sua saúde física e mental, o que nos convida a pensar sobre o papel do Sistema Único de Saúde (SUS) na promoção da atenção integral dessa população (Oliveira; Dias; Prestes, 2021).

Os jogos semanais, treinos, torneios, *"rodas de conversa"* e *"resenhas"* etnografados acionavam seus corpos, serviam à sua sociabilidade, ao cuidado e ao apoio mútuos, constituindo-se em atos de resistência frente à discriminação vigente no contexto esportivo. Particularmente para integrantes do time paulista, os treinos e disputas possibilitavam ressignificar sua relação com o jogar bola, marcada pelo sentimento de exclusão desencadeado pelo processo de transição de gênero e o entendimento de que não cabiam na lógica cisgênera e binária do esporte. Na impossibilidade de realizar encontros presenciais, a comunicação *online*, via grupo de *WhatsApp*, permitia a troca de informações e de experiências sobre suas técnicas de autoprodução corporal, além do acesso a serviços de saúde e questões jurídicas relacionadas à transição de gênero e retificação de registros civis - temas que eram comuns nas conversas antes e depois dos treinos.

Por sua vez, por meio da experiência futebolística recreativa, mulheres cis e pessoas trans residentes em Salvador exercitaram uma série de modalidades de cuidado consigo e com outrem, *antes*, *durante* e *após* a prática esportiva, voltadas ao manejo do corpo e das emoções, da lida com a "espiritualidade", da associação entre saberes e práticas ditos tradicionais e biomédicos, atreladas à convivência com seus pares, na comunidade. As múltiplas estratégias de cuidado adotadas na prática do esporte contrastavam com a não incorporação efetiva de medidas preventivas frente ao novo coronavírus, demonstrada por grande parte de integrantes do time, em plena pandemia. O exercício do cuidado pelas pessoas que compunham esse grupo, portanto, não era

unívoco, mas situado, complexo, marcado por ambivalências e atravessado pelas contingências do cotidiano.

Assim, a seu modo, sugerimos que integrantes de ambos os grupos desestabilizam convenções de gênero e referenciais do futebol, tensionando a noção de "gênero da bola", calcada na ideia de que o jogar bola e falar sobre futebol é algo inerente e exclusivo de homens cisgêneros heterossexuais. Ao se apropriarem do jogo, essas pessoas atribuem a ele diferentes sentidos, representando, além de lazer e competição, um dispositivo voltado à gestão do seu bem-estar físico e mental. Também serviu como estratégia de afirmação política de suas existências e de reivindicação do direito de aparição de seus corpos e subjetividades em espaços públicos (Butler, 2018), ao promover a ocupação coletiva de quadras esportivas públicas, tradicionalmente utilizadas por homens cis.

As múltiplas formas de cuidado concebidas e acionadas por integrantes do *Meninos Bons de Bola* e *As Veteranas*, descritas neste trabalho, evidenciaram o poder disruptivo do cuidado, capaz de tensionar hierarquias de valor pré-estabelecidas e configurar novas modalidades de atenção (Bellacasa *et al.*, 2023) a esses públicos, aberto às possibilidades que desestabilizem e ultrapassem o "*cis*tema" (Vergueiro, 2015).

Referências

ALMEIDA, Guilherme. *"Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades.* Estudos Feministas**,** Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio/ago. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012 . Acesso em: 20 out. 2024.

ALMEIDA, Caroline Soares de. *"Boas de bola": Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ALMEIDA, Guilherme; CARVALHO, Raquel Reis. *Homens inesperados: emergência pública de transmasculinidades na cena brasileira do início dos anos 2000*. In:

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. *Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo.* Campinas, Editora da Unicamp, 2020.

ÁVILA, Simone Nunes. *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo.* 2014. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

AZEVEDO, Dri. *Não é por ser "erro de português" e eu posso mostrar.* Revista E: Língua, Discursos e Diversidade/ Racismo linguístico e linguagem neutra. São Paulo, SESC-SP, ano 29, n.2, SESC-SP, p. 62-63, ago. 2022. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/lingua-discursos-e-diversidade-racismo-linguistico-e-linguagem-neutra. Acesso em: 24 out. 2024.

BELLACASA, Maria Puig de la; BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú; ENGEL, Cíntia; GRECO, Lucrecia; FIETZ, Helena. *O pensamento disruptivo do cuidado.* Anuário Antropológico [Online], Brasília, v. 48, n.1, p.108-133, jan./abr. 2023. Disponível em: O pensamento disruptivo do cuidado. Acesso em: 22 maio 2024.

BRAZ, Camilo. *"Eu já tenho nome" – Itinerários de homens trans em busca de respeito.* Habitus*,* Goiânia, v.16, n.1, p. 162-176, jan./jun. 2018. Disponível em: http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/6367 . Acesso em: 20 out. 2024.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith P. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas performativas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier de. *Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes.* Movimento**,** [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1337-1350, out./dez. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1982-8918.66188 . Acesso em: 16 out. 2024.

CAMARGO, Eric Seger. *Pessoas trans no esporte: Os jogos da cisnormatividade*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

COACCI, Thiago. *Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil.* 2018. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo, Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. *Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política*. FuLiA / UFMG, Belo Horizonte/MG, v.3, n.3, p. 37–66, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644 . Acesso em: 10 out. 2024.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Antropologia. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, p. 309-336, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor*: *novas perspectivas*. São Paulo, Elefante, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Saúde mental da população trans: apontar a cisnormatividade para interseccionar os corpos*. In: OLIVEIRA, Liamar de; DIAS, Jussara; PRESTES, Clélia (org.). O enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental. São Paulo, Editora Dandara, Instituto AMMA Psique e Negritude, 2021. p.21-30.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação**:** Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Modos de educar entre jovens transvestigêneres*: *cartografias desejantes na universidade*. 2023. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

NERY, João W; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Trans-homens no ciberespaço II: biopolíticas nos tecno-homens*. *In*: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (orgs.). Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo. Natal, EDUFRN, 2015. p. 105-129.

OLIVEIRA, Liamar de; DIAS, Jussara; PRESTES, Clélia (org.). *O enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental.* São Paulo, Editora Dandara, Instituto AMMA Psique e Negritude, 2021. p.8-16.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. A*tletas Trans no Brasil: agenda e desafios políticos*. *In*: OLIVEIRA, Liamar de; DIAS, Jussara; PRESTES, Clélia (org.). O enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental. São Paulo, Editora Dandara, Instituto AMMA Psique e Negritude, 2021. p.93-102.

PEIXE, Alexandre; MORELLI, Fábio. *"Homens do futuro": o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe*. *In*. GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo, Ed. Alameda, 2018.

PIRES, Bárbara Gomes. *A Gestão da Integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento.* 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PIRES, Bárbara Gomes. *Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte.* Revista Estudos Feministas*,* Florianópolis*,* v. 29, n. 2, p.1-14, maio/ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279320. Acesso em: 10 fev. 2025.

PISANI, Mariane da Silva. *'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo.* 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. *Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico.* Revista Estudos Feministas*,*

Florianópolis, v. 29, n. 2, p.1-12, maio/ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331 . Acesso em: 22 out. 2024.

SCHEFFEL, Noah. *Construções Transcentradas: já ouviu falar?* ECOA UOL, 04 jul. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noah-scheffel/2022/07/04/construcoes-transcentradas-ja-ouviu-falar.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVESTRIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. *Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes*. Revista Estudos Feministas, [S. l.], v. 29, n. 2, p.1-13, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79366 . Acesso em: 16 out. 2024.

VERGUEIRO, Viviane S. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2016. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.